

Governo do Estado de São Paulo e Secretaria da Cultura apresentam



VIAGEM LITERÁRIA

Escrita Criativa

Caros parceiros do Viagem Literária 2017,

Vamos para mais uma etapa do módulo de Escrita Criativa. Estamos todos muito animados. Foram altas doses de atenção, dedicação e carinho para proporcionar a vocês a melhor experiência com a primeira transmissão online ao vivo do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB).

O programa Viagem Literária é uma ação da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo para fomentar a leitura e a produção literária no Estado. Um de seus objetivos é dar protagonismo e autonomia às bibliotecas públicas e promover o envolvimento efetivo da comunidade em suas ações.

Chegamos à 10ª edição, propondo a participação de voluntários locais para, junto com a equipe das bibliotecas, criar oficinas de Escrita Criativa que poderão ser integradas de forma permanente à programação cultural de cada unidade.

É uma ação inovadora em muitos sentidos:

- É uma atividade que compartilha conhecimento simultâneo entre as 90 cidades participantes do programa utilizando a internet;
- É coordenada localmente e poderá ser repetida a critério da equipe da biblioteca;
- É conduzida por uma facilitadora voluntária da própria comunidade;
- É um aprendizado que irá permanecer com a equipe local;
- É uma atividade de geração de conhecimento, uma das principais características da biblioteca vivas.

Nosso entusiasmo tem aumentado ainda mais pelo interesse demonstrado por vocês, nossos parceiros, que abraçaram a proposta desde o início.

No dia anterior à atividade, será enviado o link que dará acesso à transmissão exclusiva.

A equipe de Projetos e Programas da SP Leituras continua à disposição para quaisquer dúvidas.

Vamos nos encontrar online no dia 2 de agosto às 14h30!

MÓDULO DE ESCRITA CRIATIVA

A edição deste ano tem um módulo especial para incentivar a realização de oficinas de Escrita Criativa nas bibliotecas públicas municipais, uma inovação no formato do Viagem Literária.

As informações preliminares sobre essa atividade foram fornecidas na Oficina de Orientação realizada durante o Módulo Inicial e estão sendo complementadas agora nesta apostila.

A intenção é transferir uma metodologia prática a ser incorporada à programação regular das unidades incluídas nesta edição.

PROPOSTA DE TRABALHO

Esta apostila pretende orientar os bibliotecários, profissionais de biblioteca e facilitadores voluntários do Módulo de Escrita Criativa do programa Viagem Literária 2017 para a realização das oficinas de escrita nas bibliotecas participantes da ação.

Reiteramos que as orientações aqui expostas não são "mandamentos", nem devem ser entendidas como regras. São apenas alguns princípios que norteiam o ensino e a prática da escrita consciente e da leitura atenta e devem ser seguidos de acordo com as necessidades, conveniências e circunstâncias de cada facilitador e cidade.

Os exercícios são apenas sugeridos e é muito importante que cada facilitador voluntário faça adaptações, combinações e recriações, dando também liberdade aos alunos para que criem suas próprias atividades.

Agradecemos a valiosa adesão dos voluntários e das equipes das bibliotecas, sua equipe, desejando a todos um bom trabalho!

Noemi Jaffe¹

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, atua como crítica de literatura do jornal *Folha de S. Paulo* e de várias outras publicações. É autora de *A verdadeira história do alfabeto* (2012), vencedor do Prêmio Brasília de Literatura 2013, *O que os cegos estão sonhando?* (2012), recentemente publicado nos Estados Unidos, e *Livro dos começos* (2015). Em 2016 foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura com *Írisz: as orquídeas*.

ESTRUTURA IDEAL DE UM CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

Aqui você vai ler apenas cinco princípios que norteiam a Escrita Criativa em prosa, desenvolvidos brevemente. Em cada um deles há sugestões de exercícios. Vai ler também algumas sugestões para formar um grupo ideal de participantes e algumas sugestões para a dinâmica de cada encontro.

FORMAÇÃO DO GRUPO

Perfil dos participantes: jovens e adultos com habilidade e interesse em aprimorar técnicas de escrita literária.

- Número de participantes: no máximo 20 alunos.
- Duração: de 8 a 30 aulas, de duas horas cada.
- Formação da sala: sugerimos a formação de um círculo.

METODOLOGIA

Para a prática de uma oficina mais extensa, sugerimos que o facilitador escolha trechos de romances, contos, crônicas e textos teóricos, para serem trabalhados e discutidos a cada aula, de acordo com o assunto a ser discutido naquela semana ou série de semanas.

Sugestões de temas

- Diálogos;
- Tempo;
- Espaço;
- Construção de personagem;
- Conflito;
- Clímax e epifania;
- Linguagem;
- Tom;
- Outros temas.

Em seguida, o facilitador poderá sugerir que um aluno, por aula, que tenha escrito uma lição de casa abordando o tema em estudo e/ou reproduzindo algum recurso utilizado pelo autor, apresente o texto para discussão em sala de aula.

Este texto será lido e analisado pelo grupo, considerando as partes falhas e as bem-sucedidas.

Por último, o facilitador deverá sugerir um exercício, relacionado ou não aos recursos analisados no texto lido inicialmente.

SELEÇÃO DE TEXTOS

Sugerimos trabalhar com contos, crônicas e trechos de romances, mas não com textos não-ficcionais ou com poesia.

Recomendamos literatura de todas as partes do Brasil e do mundo, moderna e contemporânea.

LIÇÕES DE CASA

Propomos dois tipos de lição de casa:

- Semanal – atribuída a um ou dois alunos (de escrita) e a todos os alunos (leitura);
- Mensal – para todos os alunos, mais longa (de escrita).

DINÂMICA DE CADA AULA

A aula ideal pode ser dividida em três partes:

1. Discussão de recursos literários de alguns textos que tenham sido lidos como lição de casa.
2. Leitura e análise de algum texto produzido por um ou dois alunos, como lição de casa.
3. Exercício prático de aplicação de algum recurso literário ou gramatical.

OS PRINCÍPIOS GERAIS DA ESCRITA CRIATIVA

PRINCÍPIO ZERO – LER É RELER E ESCREVER É REESCREVER

PRINCÍPIO UM – SÃO AS PALAVRAS QUE CONDUZEM AS IDEIAS E NÃO O CONTRÁRIO

PRINCÍPIO DOIS – SIMPLICIDADE E CONCISÃO

PRINCÍPIO TRÊS – INTENCIONALIDADE

PRINCÍPIO QUATRO – ORIGINALIDADE

PRINCÍPIO CINCO – ESTRANHAMENTO

PRINCÍPIO UM – SÃO AS PALAVRAS QUE CONDUZEM AS IDEIAS E NÃO O CONTRÁRIO

Desmistificar a ideia de inspiração – para escrever é preciso trabalho, disciplina, persistência e técnica. São essas as práticas que, juntas, vão ocasionar momentos inspiradores e criativos.

"Se a inspiração quiser vir, ela que venha, mas vai me encontrar trabalhando" – Pablo Picasso.

Para encontrar ideias de trabalho – não é preciso buscá-las dentro de si, mas, principalmente, fora. Em dicionários, gramáticas, fontes de pesquisa de todas as áreas (quanto mais distantes de sua área de conhecimento, melhor).

Assim, propor a si mesmo exercícios de combinações de palavras, restrições gramaticais, neologismos etc. e, com isso, "disparar" textos. Não devemos escrever apenas a partir de nossos sentimentos e pensamentos, mas a partir das palavras, suas combinações e especificidades.

Exemplos: combinar, aleatoriamente, palavras do dicionário; colocar palavras não relacionadas entre si, em diferentes pontos do texto (terceira linha, sétima linha,

trigésima linha etc.) e completá-lo com uma história; encontrar palavras que tenham muitos significados diferentes e tentar criar umnexo entre eles; a partir de palavras de significados desconhecidos, imaginar uma história; recolher termos técnicos de alguma área desconhecida e, com eles, elaborar uma história e muitas outras possibilidades semelhantes, individuais ou coletivas.

Reconhecer o sentido de "resistência" das palavras – assim como as diferentes pedras que os escultores utilizam oferecem diferentes tipos de resistência aos materiais utilizados, também as palavras resistem mais ou menos à "penetração" do escritor. É preciso tratar as palavras como se elas fossem vivas e, assim, respeitar sua história e seus "pedidos".

É muito importante desbanalizar e desautomatizar as palavras para que elas nunca percam seu sentido preciso, original e próprio. Só a literatura consegue resgatar essa propriedade e o sentido simbólico que cada palavra contém.

Uma expressão como "eu te amo", por exemplo, está extremamente banalizada e já perdeu toda a "resistência" Como fazemos para que ela recupere esta "resistência"? Dizendo, por exemplo, "Eu. Te. Amo"; "euteamoeuteamoeuteamo"; "Rede se torce ao vento, sem você dentro" e muitas outras maneiras que buscam recuperar um sentido mais criativo para esta expressão tão esvaziada. O mesmo se dá com inúmeras outras palavras, expressões, construções e estruturas, todas excessivamente utilizadas e sem "resistência" alguma. É preciso sempre estar atento a isso e buscar, continuamente, resgatar a força desses recursos, para que o texto literário não soe como algo já conhecido pelo leitor e para que ele tenha uma potência única e transformadora.

Sugestão de exercício

Cada aluno escreve dois substantivos e dois adjetivos em duas folhas de papel. Recolhem-se os papéis, que são distribuídos aleatoriamente. Todos devem escrever um breve texto (10 linhas) sobre o amor, usando as duas combinações recebidas, de substantivos e adjetivos, sem usar nenhuma palavra relacionada a amor (amor, coração, paixão, saudade etc.)

Exemplos: "tornozelo engraçado" e "parafuso estratégico". Escrever sobre o amor usando estes dois pares de palavras, sem separá-los, num mesmo texto. Ler os resultados para o grupo.

PRINCÍPIO DOIS – SIMPLICIDADE E CONCISÃO

Em geral (e tudo, em literatura, é "em geral", porque sempre há honrosas exceções), quanto mais claro, simples e conciso é um texto literário, melhor e mais fluente será sua leitura.

Simplicidade, neste sentido, é dizer mais com menos: palavras, construções gramaticais, recursos, efeitos estilísticos.

Concisão é brevidade, precisão, propriedade, justeza (a "mot juste", de Flaubert) e exatidão.

É importante evitar rebuscamentos, eruditismos, artificialismos, busca do efeito em nome do próprio efeito. Sempre que se escreve, procurar o termo mais exato e exclusivo (com o auxílio de dicionários, entre os quais o mais útil e valioso é o Dicionário Analógico) e usar a menor quantidade de adjetivos possível. Quanto mais os substantivos puderem dizer o que diriam as locuções, melhor.

Sempre (sempre, sempre) que se terminar um texto, rever e cortar. Cortar muito, até que ele fique com o mínimo de palavras, expressões, recursos, construções indispensáveis. Escrever é, principalmente, cortar.

Sugestão de exercício

Pedir aos alunos que escrevam, com o máximo de detalhamento possível, alguma pequena atividade que eles tenham feito naquela manhã. O leite derramou, perdeu o elevador, perdeu a chave, a mãe telefonou, etc. Este exercício deve ser feito antes do ensino do princípio da simplicidade. Ao final da explanação, pedir para os alunos contarem o número palavras que utilizaram. Depois, cortar 30%.

Em seguida, ler para a turma a primeira e a segunda versão e avaliar qual está melhor.

PRINCÍPIO TRÊS – INTENCIONALIDADE

Em literatura, diferentemente do que ocorre na fala cotidiana, em que é indiferente dizer, por exemplo, "vá tomar banho" ou "por favor, tome seu banho", toda palavra, frase ou recurso deve carregar uma intenção.

Se usamos gírias, língua oral, língua erudita, prolixidade, se cometemos erros gramaticais, se a personagem é plana ou esférica, se o foco narrativo é em primeira ou terceira pessoa, se o tempo verbal é no presente ou no passado, tudo deve ser cuidadosamente pensado e elaborado. Nada, na literatura, é gratuito e banal.

Palavras – sempre pensar sobre os termos que se quer usar, para ganhar exatidão e propriedade. Sempre pensar sobre o tipo de registro: formal, informal, científico, misto, com variantes linguísticas, sotaques, regionalismos, gírias, palavrões, erros, etc.

Foco narrativo – primeira pessoa (personagem ou testemunha); terceira pessoa (neutro ou intruso); segunda pessoa; metalinguístico ou misto.

Tempo verbal – pretérito perfeito ou imperfeito; presente; subjuntivo; futuro ou misto.

Diálogos – discurso direto, indireto ou indireto livre. Fluxo de pensamento. Diálogos tradicionais ou mais livres.

Tempo – psicológico, cronológico ou misto. Ritmo rápido ou lento. Refrões, repetições, variações, etc. Tempo histórico e tempo individual.

Espaço – aberto ou fechado. Contrastes espaciais. Físico e/ou psicológico. Geral e individual. Histórico e/ou subjetivo.

Clímax e conflito – Poucos ou muitos; nenhum; tradicional; epifanias.

Tom – humor, ironia, drama, filosofia, etc.

Estrutura – linear; não-linear.

Verossimilhança – e/ou inverossimilhança.

Sugestão de exercício

Pensar em algum erro gramatical. Por exemplo, "o menina", e criar um texto em que este erro seja praticado intencionalmente, sem que ele seja dito por alguém que não tem escolaridade ou é estrangeiro. Assim, por exemplo, pode-se usar todos os substantivos femininos com artigos masculinos para se defender a abolição dos gêneros e assim por diante. Lembre-se, para exemplificar, de "a gente somos inútil", "aonde está você? me telefona", "beija eu" etc.

PRINCÍPIO QUATRO – ORIGINALIDADE

Todos concordam sobre a importância de um texto literário, ou mesmo qualquer obra de arte, ser original. Mas o que é originalidade e como conquistá-la?

Para começar, é muito importante atentar para os diferentes e até contrastantes significados desta palavra. Costumamos associar "originalidade" a novidade, exclusividade, diferença. Neste sentido, ela está relacionada ao presente e ao futuro. Mas esquecemos que "originalidade" vem de "origem", ou seja, do passado. "Qual é a sua origem?" ou "Qual é a origem desta palavra?" são perguntas que buscam saber o passado temporal e espacial de algo ou de alguém. De onde aquilo veio e desde quando.

Portanto, para se atingir a originalidade, em um texto literário, não adianta tentar produzir o novo pelo novo, gratuitamente. Como já vimos, na literatura, nada é gratuito. Um leitor atento imediatamente reconhece quando algo está sendo explorado de forma artificial ou gratuita. É fundamental que cada autor pesquise, reconheça, utilize e reutilize sua origem espacial e temporal para, com isso, encontrar sua originalidade presente e futura, sua marca de exclusividade, sua linguagem própria. Cada pessoa tem sua bagagem de leituras, que vem desde a infância e que inclui desde Monteiro Lobato a revistas em quadrinhos, revistas de fofocas e anúncios de televisão. Tudo isto se mistura formando um caldo cultural inigualável. Da mesma forma, todos temos nossa origem familiar, nossos sotaques, expressões domésticas, brincadeiras, nosso repertório singular. Isso sem falar das leituras que vamos realizando durante a vida e que vão compondo nosso passado bibliográfico, nossa memória literária.

Quando uma pessoa se apropria desse seu passado temporal e espacial, coletivo e individual, ela passa a combinar, por exemplo, um sotaque italianado com a revista Capricho e Dostoiévsky. É isso que constitui a originalidade. Originalidade é simplesmente a combinação única dos mesmos ingredientes. Escrever é combinar aquilo que já existe. Para a originalidade do presente, portanto, é preciso conhecer a origem que vem do passado.

Outro aspecto fundamental para se pensar a originalidade é o ponto-de-vista, ou a perspectiva adotada para se abordar determinado tema. Trata-se de um dos elementos mais importantes e transformadores para se elaborar um texto literário diferenciado. Grande parte dos temas sobre os quais gostaríamos de falar já foram explorados, de várias maneiras diferentes e, muitas vezes, muito bem. Amor, morte, guerras,

nascimentos, rompimentos, trabalho, o cotidiano, a cidade. Além destes, também acontecimentos históricos como revoluções, golpes, crises, desastres e muitos outros. Como fazer para que a abordagem desses temas soe nova para o leitor?

Manuel Bandeira já dizia que "a poesia está no amor como nos chinelos". Portanto, não é tão importante o assunto de que tratamos, mas, na realidade, a forma como o tratamos. Pode-se escrever textos excelentes sobre temas aparentemente banais e irrelevantes, como um chinelo ou um livro péssimo sobre um assunto muito interessante, como uma grande aventura ou desastre ecológico, por exemplo. O que muda é, justamente, a perspectiva. Não o "quê", mas o "como" e, com isso, voltamos ao nosso primeiro princípio (aliás, todos os princípios, como o leitor atento vai perceber, estão interrelacionados).

Assim sendo, é muito importante que o escritor, ao dar início a uma narrativa – e também enquanto a escreve – atente para sua escolha de perspectivas. Abordar, por exemplo, a queda das torres gêmeas do ponto de vista da imagem dos aviões chocando-se contra os edifícios – algo visto e revisto milhares de vezes – não é uma ideia muito boa. Mas pensar sobre o desastre a partir de uma mala perdida num dos degraus do prédio e seu conteúdo, ou, como fez Don DeLillo, a partir de um único sobrevivente e sua história, pode permitir que se vislumbre aquilo que já é conhecido de formas totalmente impensadas. É isso o que o leitor está buscando: formas inovadoras de se pensar o já conhecido.

Sugestão de exercícios

- 1) Cada aluno faz uma lista de seu repertório bibliográfico específico, incluindo desde a cultura mais elevada até a mais baixa e banal. Em seguida, deve escrever um texto sobre algum tema escolhido, usando referências de vários tópicos desta lista. Por exemplo, algo que incluía Shakespeare e Cebolinha.
- 2) Abordar algum acontecimento histórico relevante, a partir de um ponto de vista totalmente inusitado. Por exemplo, falar sobre o golpe de 64 a partir da perspectiva de um mendigo.

PRINCÍPIO CINCO – ESTRANHAMENTO

A palavra estranhamento vem de *extraneous* e é sinônimo de estrangeiro. O estrangeiro, ou o estranho, é o que vem de fora, o que não pertence e é somente por essa razão que associamos a ideia de estranho à ideia de loucura ou esquisitice. Simplesmente porque a tendência dos indivíduos é a de rejeitar aquilo que não conhece.

Ocorre que um dos principais aspectos da boa literatura é justamente o de produzir estranhamento, porque é dele que o escritor deve partir.

Um escritor atento nunca se conforma com o estabelecido, nunca aceita de forma inerte aquilo que está dado, as coisas como elas são. Ele sempre quer transformá-las, pensando em como elas poderiam ser ou ter sido, ou em como elas poderiam não ser ou não ter sido. Ele vive, portanto, em estado de estranhamento, espantando-se com as pessoas, os lugares, as coisas e, principalmente, com as palavras e com a linguagem, que, para ele, nunca são automáticas nem banais. Sua atitude diante do mundo é a de dúvida e investigação: como é, como seria, como poderia ser, por que é assim? O escritor não se conforma, é um rebelde, um inadaptado, sempre se deslocando mais para cá ou mais para lá, querendo ver as coisas a partir de perspectivas diferenciadas, como falamos no item anterior.

Da mesma forma, e por causa disso, seus textos refletem e revelam essa atitude, sempre contendo novas possibilidades linguísticas e narrativas, novas combinações lexicais e textuais e gerando, com isso, também um estranhamento no leitor que, após a leitura de um bom livro, nunca sai da mesma forma como começou. Ele passa a estar no mundo e na linguagem de uma forma mais exigente e cheia de estranhamento.

Assim, várias palavras que começam com o prefixo -des são a matéria prima do escritor: desequilíbrio, deslocamento, desconforto, desvendamento, descontentamento e muitas outras dessa natureza.

Além disso, mas também dentro dessa ideia, os personagens pelos quais os escritores costumam se interessar são, muitas vezes, também estrangeiros, estranhos, não pertencentes. São os excluídos, os marginais, os inadaptados: loucos, doentes, criminosos, doentes, crianças, velhos, mulheres, negros e tantos outros que, geralmente, passam ao largo das instituições. E quando esse personagem é alguém mais adequado às convenções, na maioria das vezes, ele é um angustiado, alguém que

se encontra em conflito justamente com esta adequação. É claro, como sempre, que esta não é uma regra (nem faria sentido que fosse) e nem uma obrigação; mas é muito importante que se reflita sobre isso, além de serem muito comuns os grandes livros que correspondem a esta descrição, como, por exemplo, "A legião estrangeira", de Clarice Lispector e as "Primeiras Estórias", de Guimarães Rosa, em que todos os personagens estão em situação excluída ou marginal em relação aos poderes estabelecidos.

Sugestão de exercício

Escolher algum personagem que se encontre à margem do sistema: portadores de doenças, homossexuais, travestis, negros, loucos, etc. e descrever um espaço a partir de seu ponto de vista, procurando ser fiel, na linguagem e no conteúdo, à sua possível visão de mundo, sem "entregar" sua condição. Os outros alunos devem adivinhar qual é a condição do personagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário analógico da Língua Portuguesa**. Lexicon Editorial

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Companhia das Letras

PROSE, Francine. **Para ler como um escritor**. Ed. Zahar

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. Cosac & Naify

FALE CONOSCO!

Equipe de Projetos e Programas Culturais

Marcos Kirst – Gerente de Projetos e Programas Culturais

marcoskirst@spleituras.org

Giovanna Carvalho Sant'Ana – Coordenadora de Projetos Culturais

giovanna@spleituras.org

Vanessa Pereira de Sousa – Assistente de Projetos Culturais

vanessasousa@spleituras.org

Andréia Deodato Silveira Leite – Auxiliar de Projetos Culturais

andreia@spleituras.org

Juliana Borgheti de Figueiredo – Auxiliar de Projetos Culturais

julianafigueiredo@spleituras.org

SP Leituras – Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura

Rua Faustolo, 576 – Água Branca, São Paulo, SP, 05041-000

(11) 3155-5444 | <http://www.spleituras.org/>

Para assuntos referentes a esta oficina virtual de Escrita Criativa, envie sua mensagem para escritacriativa@spleituras.org